

“ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE”¹: violência de gênero e crimes passionais no Maranhão (1949 -1958)



Mayana Hellen Nunes da Silva
Graduada em História Licenciatura/UFMA
mayanunes@yahoo.com.br

Resumo: A proposta deste artigo é discutir a violência de gênero e os crimes passionais que tiveram destaque nos jornais maranhenses da década de 1950, em especial Pacotilha/ O Globo. A partir da análise desses dramas, pretende-se entender alguns aspectos da história de homens e mulheres envolvidos em relações afetivas e sexuais, as motivações que os levaram à prática de atos violentos contra o parceiro e como o amor e os papéis de gênero contribuíram para a ocorrência destes.

Palavras-chave: Violência. Crime. Paixão. Gênero.

Abstract: The purpose of this article is to discuss gender violence and crimes of passion that were highlighted in the newspapers of Maranhão in the 1950's, in special Pacotilha/The Globo. From the analysis of these dramas, we intend to understand some aspects of the history of men and women involved in sexual relationships and the motivations that led them to the practice of violence against the partner and how love and gender roles contributed to their occurrences.

Keywords: Violence. Crime. Passion. Gender.

As faces do amor

“Matei o homem que mais amava e não estou arrependida!” (PACOTILHA/O GLOBO, 18/10/1954, p.4).

O jornal Pacotilha/O Globo, do dia 18 de outubro de 1954, noticiava o crime da enfermeira Luiza Campos Santos, conhecida como “Luiza Fofinha” que adicionou arsênico à sopa do marido, o comerciante Reinaldo Camacho Santos, levando-o à morte logo depois.

Ocorrido no município de Bacabal, o crime teve grande repercussão na sociedade maranhense e foi considerado “A grande tragédia passional do ano” (PACOTILHA/O GLOBO, 23/10/1954, p. 03). Nos dias seguintes, o mesmo jornal trouxe detalhes do assassinato e da vida conjugal de Luiza e Reinaldo.

Segundo o periódico, Luiza residia com os pais em São Luís, na Rua do Passeio, número 1024. Estudava enfermagem na escola “Ana Nery” e com o intuito de aprimorar seus conhecimentos, viajou ao Rio de Janeiro. “Na ilusão dourada da cidade grande” conheceu seu “príncipe encantado”, o mato-grossense Reinaldo Camacho. Casaram-se e voltaram ao Maranhão, passando a residir na cidade de Bacabal, interior do estado. Reinaldo trabalhava como comerciante, viajando bastante, enquanto Luiza cuidava de uma farmácia. Tiveram uma filha chamada carinhosamente de “Pepita de ouro” (PACOTILHA/O GLOBO, 18/10/1954, p.04).

Ainda de acordo com o Pacotilha/O Globo, “De feições donjuanescas, [...] o mato-grossense andava sempre às voltas com mulheres que o desejavam e tinham-no como o seu homem preferido”. As discussões entre o casal eram constantes e Luiza alimentava os ciúmes por seu marido, dizendo para si mesma que preferia vê-lo morto a vê-lo braços de outra mulher. Foi assim que, no dia 15 de outubro de 1954, Luiza colocou arsênico na sopa que Reinaldo tomava, matando-o. A mulher ainda teria tentado alterar a cena do crime para que parecesse um envenenamento natural. Seu intento, contudo foi descoberto pela polícia, e ela confessou a culpa.

Quando se trata de crimes passionais ou casos de violência de gênero é comum encontrarmos nas falas dos agentes, declarações afirmando que amavam seus companheiros, e esse amor os levou a agredir ou matar seus cônjuges e amantes. O amor passional caracterizado enquanto emoção forte que pode ser platônica ou, então, dominadora, possessiva e violenta aparece como o elemento desencadeador de tais atos. O termo “homicídio passional”, por sua vez, corresponde a uma modalidade do crime passional. Entendendo o amor como um fenômeno social historicamente construído, se fazem necessárias algumas considerações sobre como as concepções

de amor e paixão mudaram na passagem para a modernidade, de que forma isso afetou as relações entre homens e mulheres na década de 1950 no Maranhão e qual a relação entre amor, violência e crime dentro dos envoltimentos amorosos.

Na obra “Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico” (1999), Jurandir Freire procura novos modos de se pensar sobre o amor, escapando aos modelos recorrentes que oscilam entre a culpabilização daqueles que “fracassam” nas relações amorosas ou a condenação da paixão, entendida como desvario. Nesse sentido, analisa três principais afirmações que sustentam o imaginário sobre o amor romântico no Ocidente: 1) o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; 2) o amor é um sentimento “irracional” e incontrolável; 3) o amor é a condição indispensável da máxima felicidade.

Sobre a primeira proposição, segundo o autor, ela é construída a partir da ideia de que o amor-paixão está presente em todas as culturas, ou seja, ele é uma dádiva da natureza. Seria possível então, olharmos para o passado e percebermos nas experiências emocionais daqueles sujeitos, semelhanças com as experiências amorosas atuais. No entanto, essas semelhanças que comprovam a existência do amor ao longo do tempo são construídas.

Jurandir Freire propõe que o conceito de “universalidade” pode ser sinônimo de “virtualidade” e não de “necessidade”. Aquilo que é virtual pode ser obrigatório ou opcional. A respiração, por exemplo, é um ato obrigatório ou “virtualidade obrigatória”, pois, se decidirmos não respirar, fatalmente morreremos. O amor, no entanto, é entendido como “virtualidade opcional”, uma vez que sua existência não é fundamental para o ser humano, podendo ser uma escolha. Essa escolha é orientada por hábitos culturais, limitações sociais e particularidades psicológicas pessoais.

Em relação à segunda proposição, Freire argumenta que a exaltação da “espontaneidade” do amor reforça a ideia de que somos “vítimas” de um sentimento natural, arrebatador, sem chances de reação. No entanto, os julgamentos racionais estão presentes no ato de amar, tanto quanto as mais impetuosas paixões. A atração sexual e afetiva que os amantes sentem raramente ultrapassa os gostos e preconceitos de classe, “raça”, religião ou situação econômica. “Como todo ideal, o amor tem endereços nobres e salas de espera vip” (FREIRE, 1998, p.18).

Quanto à última afirmativa, o amor pode não ser algo universal e natural, mas ainda assim podemos mantê-lo como ideal de felicidade. Dessa forma, o romantismo amoroso permanece sendo um ideal da sociedade ocidental. O autor coloca, porém que alguns ideais são formados de modo a estarem ao alcance da maioria, enquanto outros resistem às mudanças e reivindicam o status de eternidade. Seria este o caso do amor romântico que insiste em manter suas características num

mundo que está em constante mutação, fazendo explodir contradições nas relações entre homens e mulheres.

Antony Giddens (1992) entende que a partir do século XVIII, o amor romântico começa a se constituir enquanto força social genérica que, juntamente com outras transformações sociais, contribuiu para mudanças no casamento e em outros aspectos das relações pessoais. É diferente do *amour passion*, mas se apropria de diversos elementos deste. A idealização temporária do outro, característica do amor apaixonado, por exemplo, une-se à necessidade de um envolvimento maior com o objeto do afeto. Suscita a busca pela auto-identidade do indivíduo ou identificação projetiva: o outro será aquele que preencherá o vazio existente antes do início da relação amorosa, completando-o e também se tornando completo. Nessa perspectiva, a descoberta do objeto amado é a descoberta de si mesmo e da felicidade (GIDDENS, 1992, p.56).

Os ideais do amor romântico parecem ter tido impacto especial para as mulheres, já que estiveram ligados a influências que as afetaram diretamente, como a criação do lar, contribuindo para seu confinamento no espaço privado. A separação entre lar e local de trabalho enfraqueceu em alguns aspectos o poder patriarcal sobre o ambiente doméstico, que passou a ser identificado cada vez mais como o lugar de ação da mulher. Além disso, durante os séculos XIX e XX, romances, folhetins, peças de teatro, cujo tema central era o amor, direcionavam-se principalmente a elas. De outro lado, a identidade feminina associava-se cada vez mais com a maternidade, confundindo-se com a própria. Dessa forma, o amor romântico reforçou a construção das imagens de “esposa e mãe”, tornando-as domínio feminino, procurando articular a subordinação da mulher ao marido e ao lar.

O *amour passion* estabelece conexão entre o sentimento amoroso e a atração sexual, valoriza o envolvimento físico, desvia os indivíduos da rotina, aproxima-se da loucura. Esteve à parte dos envoltimentos amorosos na Europa pré-moderna por ser considerado especificamente perturbador das relações pessoais, invasivo para ambos envolvidos e por isso, perigoso do ponto de vista da ordem e dos deveres sociais. Tratava-se de uma ameaça à ordem social que deveria ser contida (GIDDENS, 1992, p.50).

Para Jurandir Freire, os limites entre amor romântico e amor paixão não são assim tão definidos como sugere Giddens. A gênese do amor paixão-romântico, segundo Freire se dá com o amor cortês medieval, no qual o cavaleiro amava desmedidamente uma dama que lhe era inacessível. Nesse momento, já se percebe a idealização das emoções sensíveis, a humanização do objeto amado, a presença de sentimentos como ciúmes, suspeitas e ressentimentos. A desconfiança

quanto à reciprocidade do objeto de desejo, impeliam os amantes homens a serem sempre os melhores na disputa pela dama. Tristão e Isolda, símbolos da literatura romântica medieval, mostram a angústia e o esgotamento de um amor não realizado e que só encontra na morte a pacificação para a alma.

Embora os estudos de Michel Foucault sobre as sociedades ocidentais não tenham se dedicado a questão do amor em si, suas reflexões sobre sexualidade, corpo e discursos normativos mostram-se fundamentais para este trabalho.

Segundo Foucault (1992), durante o século XVII, as sociedades burguesas europeias estabelecem novas regras de decência, de interdições, locais e momentos adequados onde se poderia falar do sexo. No entanto, uma vez que para regularizar é necessário conhecer, as proibições provocaram processo inverso, fazendo proliferar inúmeros discursos sobre o sexo.

No século XVIII, nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. É preciso inseri-lo em sistemas de utilidades, fazê-lo funcionar de acordo com um padrão “saudável”, regularizá-lo por meio de determinados mecanismos e instituições como a medicina, a pedagogia, a justiça. Foucault mostra em seu trabalho que as sociedades modernas dedicaram-se a falar do sexo, valorizando-o como o segredo (FOUCAULT, 1992, p.24).

Esse momento de construção da sexualidade moderna acaba sendo confinada à família conjugal: o casal heterossexual impõe-se e torna-se o legítimo representante do sexo saudável. O amor matrimonial estabelece a ligação entre o amor romântico e os valores cristãos, sendo local de moderação sexual. Quanto ao caráter passional do amor romântico - que valoriza mais o aspecto erótico e por isso é considerado subversivo e irracional - foi excluído do domínio conjugal.

De acordo com Giddens (1992), a maior parte das civilizações difundiu a ideia de que aqueles que buscam criar ligações permanentes baseados no amor apaixonado acabam sendo condenados, corroborando-se pensamento de que o amor paixão deveria ser evitado a qualquer custo, por desgovernar os amantes, fazendo-os sofrer e por possuir demandas que se tornam praticamente impossíveis de serem cumpridas, como a posse do ser amado, a idealização amorosa e a necessidade de exclusividade da parceria, que em algum momento se vê quebrada pela atração erótica e sexual por outro. No imaginário social, amor e paixão opõem-se à razão, sendo este um atributo essencial ao desenvolvimento da ordem social.

Foucault coloca ainda que, se focarmos na repressão, a história da sexualidade conheceu dois momentos de ruptura. O primeiro, no decorrer do século XVII, período das grandes proibições, de valorização da sexualidade adulta e matrimonial, de contenção ao falar do sexo, onde a

regularização se dava através de três grandes códigos: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil, cada um deles determinando o limite entre o lícito e o ilícito:

Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam, as carícias inúteis ou indevidas às quais servia pretexto, sua fecundidade ou a maneira empregada para torná-lo estéril, os momentos em que era solicitado [...] A relação matrimonial era o foco mais intenso das constrições [...].(FOUCAULT, 1992, p.44)

O segundo momento de ruptura se deu durante o século XX, quando os mecanismos repressores começam a se afrouxar e há tolerância com as uniões pré-nupciais e com as perversões. A passagem para o novo século corresponde a um período de mudanças não somente econômicas e políticas, como também nos envoltimentos amorosos e conjugais. Dessa forma, os limites que procuravam dominar a paixão e separá-la do amor romântico tornam-se cada vez mais tênues.

A transição para sociedade moderna redefine as relações entre homens e mulheres. O amor, pelo menos ideologicamente, deveria ser o alicerce dos casamentos e de outros tipos de envoltimentos afetivos. Dessa forma, o espaço doméstico torna-se não só o lugar de intimidade do casal, mas também de frustração diante de expectativas não correspondidas, o que poderia desencadear atos violentos entre os cônjuges.

Por trás das tramas passionais existe, no entanto, não apenas o fator amor/paixão enquanto motor de conflitos. A questão do gênero, embora nem sempre estivesse clara para os envolvidos, também se faz presente.

Patriarcado e violência de gênero

Quando falamos na questão dos papéis e das funções de homens e mulheres, é inevitável recorrermos ao conceito de gênero, já que ele nos permite perceber como ao longo da história humana tem se dado a construção do mundo de dois sexos e quais as suas implicações diretas na individualidade dos sujeitos e no conjunto das relações das sociedades.

O termo “*gênero*” foi empregado inicialmente em meados da década de 1970, como forma de fazer referência à organização social dos sexos. Preocupadas em escapar ao determinismo biológico, ou seja, da naturalização existente nos termos “sexo” e “diferença sexual”, as feministas americanas foram as primeiras a se apropriarem desse sentido. A refutação ao determinismo biológico levava assim à compreensão de que os papéis de gênero são construções socioculturais. Segundo a historiadora Joan Scott:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1990, p. 4).

Historicamente, a construção do gênero nas sociedades modernas tem sido expressa em modos de oposição e/ou de complementaridade: homens e mulheres são compreendidos como seres distintos, em permanente oposição. A hierarquização entre os sujeitos do gênero, naturalizada a partir das diferenças corporais, tem sido considerada como efeito das desigualdades nas relações de gênero. A partir dessa desigualdade, os homens são colocados em posição de domínio sobre mulheres e crianças, numa ordem social muitas vezes designada como patriarcado. Do conceito de patriarcado, surge então a ideia de violência de gênero e suas modalidades: violência familiar e violência doméstica.

A primeira atinge membros de uma mesma família – como os filhos, por exemplo - unidos por laços de sangue e de afinidade; a segunda envolve pessoas que, embora não pertençam à família, vivem parcial ou permanentemente no domicílio, a exemplo de empregados e agregados. Ambas ocorrem usualmente dentro do espaço doméstico, mas também podem ser perpetradas fora deles como coloca Saffioti:

Nada impede o homem, contudo, de esperar sua companheira à porta de seu trabalho e surrá-la exemplarmente, diante de todos os seus colegas, por se sentir ultrajado com sua atividade extraluar, como pode ocorrer de a mulher queimar com ferro de passar a camisa preferida de seu companheiro, porque descobriu que ele tem uma amante [...]. (SAFFIOTTI, 2007, p.72)

As principais críticas que se faz ao patriarcado enquanto modelo explicativo da violência de gênero é que a mulher não é vista como alguém capaz de agredir por iniciativa própria. A violência perpetrada por elas é entendida como de caráter reacionário, ou seja, ela só agride quando é agredida, reforçando-se o estereótipo de vítima. Trata-se de um processo de ação-reação, causa-efeito, o que limita a compreensão de outros aspectos do fenômeno. Além disso, a questão afetiva como desencadeadora de conflitos na convivência cotidiana dos casais não é levada em consideração.

É necessário ressaltar, no entanto, que a lógica da dominação-exploração necessita de, no mínimo, dois sujeitos para existir. O dominado é sujeito e age como tal. Se na ordem patriarcal de gênero o poder está nas mãos dos homens e eles podem exercê-lo mesmo contra a vontade dos

dominados, mulheres e filhos também têm a possibilidade de agir, seja contribuindo para a permanência do sistema ou procurando formas de destruir suas bases.

Através do movimento feminista, a violência dentro das relações afetivas tornou-se mais evidente. Isso porque, na maioria das vezes, os homens apareciam como agressores, e as mulheres como vítimas. As feministas, principalmente em finais da década de 1970, manifestavam sua indignação não apenas com a absolvição dos que espancavam, humilhavam ou assassinavam suas esposas, mas também com a ausência de políticas públicas que procurassem dar assistência a essas mulheres (OLIVEIRA, 2004, p.15).

No Maranhão da década de 1950 também é possível verificar que os homens eram em sua grande maioria os protagonistas de atos violentos contra esposas e amantes. Embora o conceito de violência de gênero seja muitas vezes empregado como sinônimo de violência contra a mulher, alguns teóricos defendem que o gênero também serviu para introduzir uma noção relacional no vocabulário analítico. Como coloca Scott, “[...] as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado” (SCOTT, 1990, p.01).

Por outro lado, as fontes consultadas para a realização deste trabalho apresentam inúmeros casos em que as mulheres usaram de violência contra os homens que amavam. Nesse sentido, a compreensão da violência de gênero torna-se limitada se focarmos apenas a questão do homem como agente e da mulher como vítima, uma vez que o contrário também acontece.

Considerando que exista uma estrutura patriarcal que legitima o domínio masculino, em que o uso da violência pode ser um recurso para garanti-la, seria equivocado dizer que as relações amorosas e de intimidade, assim como os casos de violência e os crimes passionais se estruturam unicamente em torno desse tipo de organização social de gênero. Acredita-se que sentimentos que permeiam as relações humanas, como decepção, infelicidade, frustração, destruição das concepções pessoais de amor, família e casamento também contribuíram para a ocorrência desses dramas.

Os dramas nas páginas dos jornais

Quase diariamente, os jornais de São Luís traziam em suas páginas os conflitos domésticos e dramas passionais que se passavam entre os moradores da capital e de outras cidades do Maranhão. O interior das residências, o meio da rua, as praças e a zona do meretrício eram os espaços físicos

onde se davam os embates amorosos os quais, quando não produziam vítimas fatais, deixavam gravemente feridos maridos, esposas, amantes e meretrizes.

A partir das falas dos envolvidos e das testemunhas, registrados nas páginas dos jornais e nos discursos jurídicos, temos conhecimento sobre o cotidiano do casal, sobre a conduta de homens e mulheres dentro de suas relações e os possíveis responsáveis pelos dramas são apontados.

“Ela foi culpada de tudo. [...] Ele fazia tudo por Sandra. Não lhe faltava nada. Ela merecia esse mister, a mulher recebeu o castigo”, declara Maria Lucena Soares que testemunhou José Luiz Pedrosa Azevedo cravar um punhal na coxa da amante Sandra Lucia Cortes, após flagrá-la no quarto com outro homem (PACOTILHA/O GLOBO, 12/11/1953, p. 4).

Em outro caso encontramos a seguinte declaração: “[...] deixei a cozinha e, na sala, debrucei-me sobre u’a mesa e dormi. Mais tarde, fui subitamente acordado, quando senti um ardor fino perto da nunca. Era Isabel que me havia apunhalado” (PACOTILHA/O GLOBO, 19/11/1955, p. 4). Trata-se de Bertoldo Gomes, esfaqueado nas costas pela amante Isabel Sampaio, após uma forte discussão entre os dois.

Nas linhas dos jornais ressaltam-se também os fortes sentimentos que dominam os agentes de violência momentos antes do crime: “Cego de ódio”, “[...] dentro de seu cérebro fervilhava uma vingança terrível”, “profundamente enciumada”, “desvairado e de alma aberta”, são alguns dos termos usados para fazer referência à impulsão dos amantes.

Os dramas passionais destacados neste trabalho foram encontrados em sua maioria nos jornais de São Luís da década de 1950, que circulavam diariamente pela capital e que traziam notícias de todo o estado. Enquanto fonte histórica, no entanto, é necessário destacar que o jornal possui suas limitações e, por tal razão, alguns historiadores ainda resistem à utilização da imprensa como fonte de pesquisa. Para Tânia Regina de Luca, essa resistência vem de uma tradição historiográfica presente nos séculos XIX e início do XX, que buscava obter dos documentos “a verdade” (LUCA, 2005, p.111). Nesse sentido, os jornais pareciam não atender a tal necessidade, uma vez que o jornalista possui um olhar próprio acerca dos fatos que escreve e, na maioria das vezes, leva apenas uma versão desses fatos ao leitor. Além disso, o periódico é frequentemente adequado às exigências do público leitor/consumidor e de seu proprietário.

Marcelo Cheche Galves coloca, porém que “[...] a compreensão da história como ciência em construção, passível de interpretações díspares a partir de fontes, abordagens e problemáticas diferentes, comprometeu o argumento da parcialidade dos jornais como empecilho para sua utilização na pesquisa histórica” (GALVES, 2004, p. 67).

Nesse sentido, entende-se que o fundamental de se observar nos casos de violência de gênero e crimes passionais que tiveram destaque nos jornais pesquisados é a forma como esses acontecimentos foram narrados, as declarações dos envolvidos – levando-se em consideração que tais falas são mediadas e até editadas pelo jornalista – e como os papéis de gênero e as concepções de amor estiveram presentes nas relações afetivas de homens e mulheres, podendo levá-los a discussões, brigas e por vezes, morte.

“Violento até a medula!”: os homens criminosos

O jornal Pacotilha/O Globo, do dia 8 de fevereiro de 1954, trazia ao público uma terrível tragédia que, segundo os redatores da matéria, deixou chocada toda a população maranhense. No dia 07 de fevereiro, após uma ligeira discussão com seu amante, o pedreiro Domingos Santos, a mulher Ceci Sodré, de 24 anos, foi barbaramente espancada por este, recebendo em seguida nove punhaladas por todo o corpo. Ceci estava no sétimo mês de gestação. O casal residia na Vila Macaúba, na Rua Guimarães Passos, s/n, em São Luís.

A reportagem do dia detalhava os acontecimentos que antecederam o crime. Às 7 horas do dia 07, Domingos Santos entrou em casa após voltar do mercado e colocou as compras à mesa. Ceci reclamou do tipo de carne que o amante havia comprado:

Violento até a medula, Domingos sem mais nem menos, investiu ameaçadoramente contra a mulher, armado de comprido e afiado punhal. Aos socos e bofetadas, levou Ceci até o quintal, onde satisfez os seus requintes de perversidade, desferindo 9 punhaladas no corpo da companheira, que tombou exangue ao chão, encharcando-se de lama e sangue. (PACOTILHA/O GLOBO, 8/02/1954, p.04)

Ainda segundo a reportagem, após o crime, o assassino abandonou o local e tentou fugir, sendo, no entanto, perseguido pelos moradores do bairro que conseguiram capturá-lo e levaram-no para a Delegacia do 2º Distrito. Ceci Sodré foi transferida para o hospital, onde se constatou que ela havia sofrido ao todo oito feridas perfurantes, duas no abdômen, ocasionando uma hemorragia interna.

O jornal apurou também que uma possível traição teria ocasionado a discussão entre os amantes e depois o assassinato. Um amigo de Domingos lhe teria dito-lhe que Ceci voltara de um baile no sábado, acompanhada de um homem e que este só deixou a casa pela manhã.

Durante os dias seguintes, o caso continuou em pauta no jornal. Dessa vez deu-se destaque ao aborto sofrido pela mulher em consequência de uma das perfurações ter atingido o crânio do feto (PACOTILHA/O GLOBO, 09/02/1954, p.04).

No dia 10 de fevereiro, o Pacotilha/O Globo trazia em suas páginas algumas declarações feitas por Domingos Santos sobre a vida do casal e os motivos que o levaram a praticar tamanha brutalidade. Como já mencionado antes, acredito que o mais relevante nas declarações dos envolvidos em casos de violência doméstica ou de crimes passionais é entender como se dá a construção da narrativa sobre o fato, como estas falas são permeadas por percepções sobre gênero, e que comportamentos os sujeitos envolvidos em relações amorosas esperam que sejam cumpridos por seus parceiros. Domingos Santos declara ao jornal que:

– Ceci tinha por costume, quando grávida, tomar remédios para matar a criança. Isso aconteceu duas vezes. Eu sempre desejei ter um filho. Até que, então, há anos, ela ficou grávida e não lhe deixei cometer o crime, como era costume seu. Parece que, assim, ela ficou me odiando, como, também ficou a minha filhinha Maria da Graça. Disso é que nasceu a briga entre nós (PACOTILHA/ O GLOBO, 10/2/1954, p. 4).

No caso exposto acima, para justificar suas ações, o homem procura denegrir a imagem de Ceci dizendo que esta quando se encontrava grávida provocava abortos, afirmando que por duas vezes a amante realizou tal procedimento. Considerando o poder simbólico existente em torno da maternidade, considerada a função da mulher na sociedade, abortar seria ir contra o “desígnio divino”: Ser mãe era o destino natural de todas as mulheres. Domingos ainda ressalta que sempre desejara ser pai, não permitindo mais que Ceci matasse a criança quando ficou grávida novamente, fato que levou a amante a odiá-lo e à filha do casal. A entrevista continua com mais acusações:

– Ceci não me era fiel. Quando fomos para Tasú, em Alcântara, ela me disse que seu marido havia falecido. Três dias após em Alcântara, fui surpreendido com a figura do “defunto”. Vi, então, que fora enganado. Sábado, saí de casa aborrecido, de vez que Ceci tinha tido uma briga comigo. Passei o resto da noite da rua. Pela manhã, fui ao Mercado, onde comprei carne. Ao chegar em casa mandei ela por a carne no fogo. Ceci saiu com estupidez comigo. Desvairado, puxei do punhal. Só sei que a feri, e mais nada. Entreguei minha filha a uma senhora e depois fui me entregar na Polícia (PACOTILHA/ O GLOBO, 10/2/1954, p.4).

Nessa segunda declaração, ao que indica o entrevistado, ele não era o único homem na vida de Ceci. Esta ainda era casada, mas ele não sabia disso. Embora não seja possível averiguar a veracidade das informações, uma mulher de origem pobre já ter sido casada, separar-se e unir-se novamente a outro homem não era algo excepcional na sociedade maranhense da década de 1950. Sabe-se que, embora o matrimônio legal fosse um ideal coletivo, eram os integrantes das elites

aqueles que efetivamente o seguiam. A prática do concubinato ou “amasiamento” era comum entre as classes populares. Ainda assim, da mesma forma que a maternidade, o casamento era uma instituição sagrada de acordo com os ideais da modernidade ocidental. Por essa razão, em inúmeros casos pesquisados, os jornais fazem questão de mencionar o estado civil dos envolvidos. Amante, por exemplo, era um termo utilizado tanto para homens e mulheres que tivessem casos extraconjugais como para casais que estivessem vivendo em concubinato.

Considerando também que a lei do divórcio ainda não havia sido instituída naquele momento no Brasil, embora os cônjuges não mais vivessem juntos, diante da justiça ainda estavam casados. Dessa forma, uma nova união amorosa tinha peso social diferente para homens e mulheres. Para elas, este peso era negativo. Ao que parece, o objetivo de Domingos é mostrar que Ceci não era uma mulher respeitável, já que ainda estava casada com outro homem, mas vivia com ele.

A entrevista se encerra com mais uma declaração do assassino: “– Eu não sou pai do filho que Ceci carregava no ventre. Quero dizer apenas, que ela sempre me traiu” (PACOTILHA/ O GLOBO, 10/02/1954, p.04).

Maria Filomena Gregori, na obra “Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista” (1993), ao entrevistar mulheres vítimas de violência conjugal, analisa como estas expõem suas histórias. “A queixa é a narrativa em que a pessoa objeto de algum infortúnio constrói discursivamente a sua posição enquanto vítima. Narrativa peculiar: expõe e, paradoxalmente, alimenta/incita/reitera algumas das condições que fazem operar a violência.” (GREGORI, 1993, p.185)

Nessa narrativa, aquele que fala apresenta os fatos, compondo dois tipos de personagens: o eu vitimado e o outro culpado. O narrador expõe os eventos que precederam a situação de violência, para mostrar que é isento de culpa. Se existe um culpado não é ele, e sim o outro. No trabalho de Gregori, as mulheres que sofreram agressões se colocam como vítimas e responsabilizam seus parceiros. Já no caso de Domingos Santos e Ceci Sodré, os papéis são invertidos: ele se coloca como vítima, e suas ações foram reflexos das atitudes de uma mulher infanticida e adúltera. Além disso, apesar da reforma do Código Penal Brasileiro em 1940, tratando-se de crimes passionais cometidos por homens, os juristas, em grande maioria também homens, buscavam mostrar que seus clientes eram indivíduos de bom comportamento, colocando a mulher como culpada, questionando o caráter moral desta.

Ceci não resistiu aos ferimentos, vindo a falecer no dia 10 de fevereiro às 19h30min. Identificar os reais motivos que levaram Domingos Santos a assassinar Ceci Sodré é uma tarefa

difícil, mas este caso é revelador de como as construções de gênero perpassam a violência doméstica.

Outro caso que ganhou destaque no Jornal Pacotilha/O Globo aconteceu no dia 08 de maio de 1958, quando o pedreiro Gregório Joviniano Abreu, mais conhecido pelo apelido de “Guaxela”, assassinou com golpes de facão sua amante Zenaide Moreira Santos, no bairro do Sacavém. (PACOTILHA/O GLOBO, 09/05/1958, p.04).

Consta da reportagem que no sábado antes do crime, Zenaide havia dito a Guaxela que iria assistir a uma ladainha na Rua da Coragem, no próprio Sacavém. No entanto, a mulher dirigiu-se a “Colombina”, acompanhada de outro homem. Mais tarde, Guaxela foi verificar se sua amante estava realmente no lugar onde disse, não a encontrando. Dirigiu-se assim ao centro da cidade, ao baile da Colombina e lá se deparou com Zenaide em “colóquios amorosos com seu novo príncipe”. Guaxela saiu da festa e foi a um bar próximo. Instante depois aparece Zenaide, e ambos começaram a trocar ofensas.

Decidido a abandonar a amante, Guaxela voltou a casa desta nos dias seguintes para buscar uma mala. Antes, porém dirigiu-se à Delegacia de Polícia do bairro do Anil para comunicar o que estava se passando até aquele momento. O delegado, por sua vez, pediu que o homem tivesse calma e agisse com moderação. Em seguida, Guaxela dirigiu-se à casa da mulher:

No entanto, ao se defrontar com Zenaide, bastante furiosa, “Guaxela” travou forte discussão com a mesma, abandonando em seguida, a casa, em direção de outro casebre, que estava construindo. Não tardou muito Zenaide apareceu assuntando qualquer coisa. Furioso “Guaxela”, armado de um facão, avançou para a vítima desferindo-lhe profundo golpe no pulmão esquerdo. Não satisfeito, vibrou-lhe novos golpes [...] (PACOTILHA/ O GLOBO, 8/5/1958, p.4)

Após o ocorrido, o assassino entregou-se espontaneamente ao 3º Distrito Policial, localizado no bairro do Anil.

A ida de Guaxela à Delegacia momentos antes de assassinar a amante pode ser indício de que ele já pensava na possibilidade de agir violentamente. Nesse sentido, desconstrói-se a tese comum à época de que o criminoso passional perderia os sentidos no momento do crime.

Sabemos que as diferenças biológicas inscritas nos corpos dos sujeitos determinam sua posição e seu papel na sociedade. Aqueles que são identificados como pertencentes ao sexo e ao gênero masculino têm posição privilegiada no grupo social ao qual pertencem. Serão eles os detentores do poder, podendo fazer uso da violência para controlar os indivíduos pertencentes ao sexo e ao gênero oposto, ou seja, o feminino. O poder masculino, no entanto, não é absoluto. As

teorias do patriarcado colocam que, no momento em que não conseguem exercer essa dominação, recorrem à violência para reestruturarem a hierarquia entre os sexos.

Dentro de uma relação amorosa e sexual, podem ser várias as razões que levam um homem a agredir, espancar ou assassinar suas esposas, amantes ou namoradas. Pode ser que para indivíduos como Domingos e “Guaxela”, mulheres adúlteras ou que abandonaram o lar, questionavam a autoridade masculina ou que simplesmente desejavam dispor livremente de seus corpos e de suas vidas, mereciam morrer.

“Mulher macho, sim senhor!”: as criminosas

Entender a mulher como agente de violência tem sido um desafio para historiadores, sociólogos e todos aqueles que se dedicam aos estudos das relações de gênero.

Inúmeros trabalhos na área de ciências humanas e sociais mostram que, ao longo da história, as mulheres estiveram em posição de submissão diante dos homens. Como já mencionado, o conceito de gênero surgiu dentro do movimento feminista da década de 1970, que questionava a ordem patriarcal e lutava pela igualdade democrática entre os sexos, sendo utilizado justamente para teorizar a questão da diferença sexual e os desdobramentos provenientes dela. Apesar das mudanças, ainda é difícil para as mulheres afirmarem que conseguiram superar completamente a posição marginal à qual estiveram submetidas durante anos no campo científico e na sociedade. Talvez por essa razão, a maioria dos trabalhos que se dedicam a estudar violência de gênero e suas modalidades, assim como os crimes passionais, contemplem apenas o aspecto da mulher enquanto vítima de violência e não como sujeito. Elas, no entanto, podem cometer atos violentos quando sentem que há motivos para assim proceder.

Nos jornais pesquisados, as imagens construídas sobre as mulheres que usaram de instrumentos como facas, giletes, machados, armas de fogo e até mesmo água fervente contra seus companheiros, oscilavam entre vitimização e condenação. Traidoras, feiticeiras, “mulher macho” ou “mulher paraíba” eram algumas destas representações, como no caso de Olinda, 40 anos, amante de Raimundo Alves, 48 anos. Após uma briga entre os dois, em que Raimundo saiu ferido, este declarou à reportagem do Pacotilha/O Globo que Olinda “parece mulher com alma de diabo” (PACOTILHA/ O GLOBO, 19/05/1950, p.04). De acordo com o jornal, o casal vivia bem, mas resolveram separar-se devido às constantes brigas que seriam causadas pela mulher. Quando

Raimundo chegava a casa, encontrava seu aposento em “petição de miséria” e suas “economias raspadas”:

Contou-nos o Sr.Raimundo Alves que, há meses, conhecera Olinda de tal. Juntou-se com ela a fim de viverem bem, tendo porém se enganado. Toda vez que chegava em casa, sempre havia uma briga, uma discussão partida da mulher, sem que ele ao menos puxasse conversa. Com um gênio perigoso, Olinda agredia-o, ao ponto de, armada de faca cortar-lhe o corpo todo, chegando ele a se engalfinhar com sua amante para salvar a pele! (PACOTILHA/ O GLOBO, 19/5/1950, p.4)

Ainda de acordo com declarações de Raimundo:

Ultimamente, as rugas assumiram proporções de desgraça, e encontrava o meu quarto pelo avesso. Minhas camisas, minhas calças e até meus sapatos eram destruídos pela mulher furiosa. Não sei por que esse gênio diabólico! Com isso tinha muito prejuízo! Para falar a verdade, por fim o meu dinheiro era surrupiado da gaveta. E olhe as marcas de unhas, dentadas e golpes de faca no meu corpo (PACOTILHA/ O GLOBO, 19/05/1950, p. 4).

Depois de prestados os devidos esclarecimentos ao delegado de polícia, Olinda e Raimundo dirigiram-se cada um para lados diferentes.

Dependendo das circunstâncias que levaram um homem a espancar ou matar sua mulher, a opinião pública e jurídica poderia até lhe dar razão. O mesmo, no entanto, não se aplicava a elas. De certa maneira, a mulher como agente de violência deixava a sociedade muito mais perplexa do que crime praticado por homens. Nesse sentido, as notícias sobre ocorrências em que as mulheres eram protagonistas recebiam destaque maior nas páginas dos periódicos:

A crônica policial da cidade tem registrado várias espécies de cenas de sangue em que mulheres são principais protagonistas. [...] Já por duas vezes, nesta cidade mulheres decididas e valentes provocaram graves acidentes batendo facilmente em seus amantes, que depois de apanhar bastante, ou serem esfaqueados, vão se curando no Pronto Socorro, passando a se lamentar bastante pelo simples fato de serem dominados por mulheres que seguem o mesmo exemplo de suas patrícias da Paraíba (PACOTILHA/ O GLOBO, 13/4/1950, p. 4).

No dia 14 de julho de 1949, os leitores maranhenses tomavam conhecimento do caso de Amélia Rodrigues, 17 anos, e de Manoel Cosmo Siqueira, jogador de futebol do Maranhão Atlético Clube, 26 anos (PACOTILHA/ O GLOBO, 14/7/1949, p.4).

Pelo que consta na reportagem, Cosmo almoçava com seus amigos no restaurante São José, localizado à Rua Herculano Praga, quando foi atacado por Amélia, sua ex-amante, que armada de um revólver, encostou-o na nuca do rapaz e atirou. O tiro falhou, e o jogador saltou sobre a jovem, desarmando-a. O caso foi levado à Central de Polícia, onde o ex-casal e as testemunhas prestaram depoimento. Indagado pelo jornal, Cosmo deu sua versão dos fatos:

Foi uma tentativa de assassinato, por parte de uma ex-amante minha. Seu nome é Amélia Lopes dos Santos, de 17 anos de idade, branca, filho de Antônio Santos, residente à rua Cândido Mendes, num sobrado. Ontem, na hora do almoço, às 11,30 horas, estava eu no restaurante “São José” [...] Achava-me sentado à mesa, de costas para a rua [...] quando entrou aquela dita criatura, com um revólver “Mauser” escondido na bolsa. Quando demos por nós, ela estava apontando o revólver contra a minha nuca. Não o detonou porque não teve experiência de colocar a bala na agulha. [...] Tomando iniciativa, tratei de avançar em Amélia para lhe tomar o revólver, o que consegui, seguindo, imediatamente, rumo à Polícia, a fim de prestar declarações. (PACOTILHA/ O GLOBO, 14/7/1949, p.4).

Sobre as motivações que levaram Amélia a agir de tal forma, Cosmo declara:

– Eu me dava com essa pequena e a namorava mesmo. Tive, depois, informação de que ela não era mais donzela e com isso cresceu meu interesse por ela... Depois ela foi desprezada por mim e declarou aos pais que eu fora o autor de sua infelicidade. O pai, então levou o caso ao Tribunal, tendo perdido a causa, em virtude de ter eu provas de que ela pertencera a outros. Em vista disso, achou por bem o pai de Amélia comprar um revólver e entregar a arma a um de seus filhos, a fim de que este vingasse a irmã (PACOTILHA/ O GLOBO, 14/7/1949, p.4).

No mesmo dia, no período da tarde, Amélia foi à Central de Polícia prestar depoimento:

Ele me encontrou virgem. Ele me seduziu e, agora, está dizendo mentiras. É mentira dele, dizer que já me encontrou mulher! [...] Eu saí às 10,30 horas mais ou menos [...] para esperar Cosmo, com a arma na bolsa. Fiquei em certa porta. Não demorou muito, ele chegou ao restaurante. Sentou-se [...] estava de costas. Aproximei-me dele com a arma já destravada. [...] Quando puxei o gatilho, não saiu nada. [...] Tornei a puxar. Nada. Quando passei a arma para a mão esquerda, peguei uma colher, pensando que fosse um garfo, para cravar em Cosmo, não deixaram e ele aproveitou isso para sair correndo. [...] Desde abril que eu tinha essas intenções. Começou num baile em que ele declarou que não se casaria mais comigo (PACOTILHA/ O GLOBO, 15/7/1949, p.4).

Ainda sobre o caso, a reportagem deixa claro que Amélia era diplomada em corte e alta costura, datilografia e havia concluído o curso primário no Grupo Escolar “Barbosa de Godóis”, ou seja, ao contrário da maioria das mulheres que ocupavam as páginas policiais dos jornais, tratava-se de uma moça com relativa educação.

As declarações de ambos os envolvidos indicam que de fato tiveram relações sexuais, o que numa sociedade como a maranhense, marcada pela desigualdade entre os sexos, representava a condenação moral de uma mulher. Cosmo faz questão de ressaltar que seu interesse pela amante aumentou quando soube que não era mais “donzela”, enquanto ela afirma que era virgem antes de conhecer o jogador. Sabendo das implicações e dos julgamentos ao qual seria submetida, e considerando que Cosmo não se casaria com ela, Amélia achou-se sem saída, pois que homem a

aceitaria sabendo que já havia se entregado a outro? Possivelmente, passou por sua cabeça que já que sua vida estava acabada, então ela também acabaria com a vida do homem que dizia amar.

A moça não mostrou arrependimento por suas atitudes e reafirmou ao repórter que “– Enquanto não tirar a vida dele, não sossego. [...] Quero ver é o bichão estirado!” (PACOTILHA/ O GLOBO, 16/07/1949, p. 04). Perguntada se alguém havia lhe induzido ao crime, responde prontamente que ela mesma tinha sido a idealizadora. Logo depois, revela-se disposta a perdoar Cosmo e diz: “Se ele quiser, eu caso...”.

Antony Giddens (1992) coloca que a maior parte das mulheres identifica a sua inserção no mundo externo com o estabelecimento de ligações. No caso de Amélia, essa ligação é o casamento. Aparentemente, o que motiva suas ações é a frustração diante da possibilidade de não casar, seja com Cosmo ou com outro homem.

Temendo que uma nova tentativa de homicídio acontecesse, o delegado José Henrique Campos decidiu dirigir um apelo ao juiz de menores, no sentido de impedir que Amélia saísse de casa e consumasse o ato.

“E saíram os dois rindo da delegacia...”: a violência desejada

Maria Filomena Gregori, em “Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista”, traz o caso de Regina, 39 anos de idade na época da entrevista (1985), dentista que havia sido casada duas vezes.

O primeiro casamento durou cinco anos, resultando em dois filhos. Sobre essa primeira união, Regina afirma que se casou apenas para sair da casa de sua família e que seu marido era um homem medíocre.

Já o segundo casamento, ela coloca como uma relação marcada por sentimentos antagônicos de amor e ódio. O segundo marido tinha sido seu primeiro namorado, e os dois se reencontraram quando ela já estava separada, mas ele ainda casado. Ele deixou a mulher, e os dois foram viver em outra cidade, tendo um filho juntos. Com ambos moravam também a irmã, o cunhado e dois sobrinhos dele.

A relação foi marcada por conflitos, motivados por opiniões diferentes sobre a educação das crianças, sobre a organização da casa no dia-a-dia, entre outros fatores. Em várias ocasiões, as discussões culminavam em espancamentos do marido em Regina. No entanto, quando se tratava das

relações sexuais, tudo se dava na mais perfeita harmonia. Ele era carinhoso e mostrava-se empenhado em satisfazê-la sexualmente. Por essa razão, Regina sentia-se confusa:

Ter uma atração fortíssima por uma pessoa que eu odiava fez com que eu me sentisse mais ou menos violentada por mim mesma. [...] E eu pensava: como é que eu posso estar gostando desse cara? Ontem ele me meteu a mão e me machucou, me bateu, né? E hoje ele está super afetuoso e eu sinto as coisas por ele. Eu não me conformava. [...] Eu acho que amor, veja bem, você ama uma pessoa, você gosta de olhar a pessoa por dentro, você se sente bem, mesmo com os defeitos dela. [...] É importante o sexo, é hiper importante, mas na paixão existe uma atração violenta e ela fica cada vez mais forte na medida em que você despreza a pessoa como ser humano (GREGORI, 1993, p.171-172).

A partir do depoimento de Regina, Gregori propõe pensarmos a violência como uma relação de parceria, necessária para a manutenção da relação. Este parece ser o caso de Antônia de Jesus da Silva, 18 anos e Sidney Avelino Macedo, 23 anos. Ela encontrava-se na Delegacia do 1º Distrito da Capital, sentada no sofá com o vestido manchado de sangue, e ao lado da boca notava-se uma marca roxa. No momento em que a mulher ia explicar à reportagem o que havia acontecido, foi interrompida pelo amante que deu sua versão dos fatos:

Disse-nos Sidney Avelino Macedo, que hoje, pela manhã, saiu, acompanhado de Antonia. Ao chegar próximo ao estabelecimento comercial do Sr. João Elesbão, um embrulho que a mulher conduzia caiu. Ela não quis juntá-lo, o mesmo também fazendo Sidney. Desse modo, travou-se uma discussão entre o casal. “Junta, não junto...” e, por fim, já bastante aborrecida, Antônia começou a insultar o amante. Indignado com aquilo, Sidney resolveu acabar com a história. E o que fez? Quando Antonia ainda lhe cobria de insultos, eis que o pedreiro fê-la calar-se. Cerrando os punhos aplicou violento sôco em sua companheira, ficando a mulher atordoada e em seguida ensangüentada. (PACOTILHA/ O GLOBO, 9/5/1952, p.4).

Após o episódio, o casal foi levado à delegacia e Antonia narrou sorrindo a história ao delegado. Disse que não sabia se ainda queria viver com Sidney, mas que gostava dele. A mulher assumiu a responsabilidade pelo incidente, declarando que “não devia insultar o seu querido Sidney”.

Como não desejava que o companheiro ficasse preso, e achando que tinha merecido os “pescoções” que recebera, o delegado mandou ambos irem embora e advertiu-os para que não aparecessem mais ali ou da próxima vez ficariam presos. Segundo a reportagem, o casal saiu rindo.

Em seu trabalho, Gregori se depara com situações semelhantes ao que foi exposto acima. A partir dos conceitos de Roland Barthes, dos quais a autora se apropria, entendo que cenas como a de Sidney e Antônia não buscam chegar a algum entendimento. O objetivo do embate é um dos dois dar a última palavra, algo que Barthes denominaria como “gozo perverso”, ou seja, o confronto “seria uma maneira de se ter prazer sem o risco de fazer filhos” (GREGORI, 1993, p.182).

O fim da cena se dá quando os dois parceiros cansam da discussão, quando alguém chega ou pela substituição das réplicas pela agressão. “Seria o caso de indagar se a agressão não funciona como parte do jogo que a cena introduz. O emprego do xingamento desempenha um papel importante: incita o início de outro jogo e o desfecho do primeiro” (GREGORI, 1993, p.179).

A violência nesse caso se mostra como um elemento desejado e necessário para que o casal se mantenha junto.

Considerações finais

O conceito de gênero surgiu nos anos 70 com o intuito de separar o sexo – concebido como algo da natureza, ou seja, biológico – do gênero, que enfatiza o caráter social, histórico, político e cultural. Entendo assim que o gênero não expressa uma essência interior, mas é vivido como uma interpretação, como um ritualizado jogo de práticas que produzem o efeito de uma essência interior. Nesse sentido, a nomeação do indivíduo a partir do momento em que nasce, dá início a esse processo de “engendramento”.

Homens e mulheres são assim colocados como polos opostos. Elas são definidas como seres sensíveis, frágeis, que devem ocupar-se com o casamento, a maternidade e o cuidado com os filhos; quanto a eles, considerados símbolos da virilidade, cabe a proteção e sustento da família. Acredito, porém, que no século XX, as redefinições sobre masculinidade e feminilidade foram impulsionadas pelas mudanças econômicas, políticas e culturais daquele momento: a modernidade introduz novos padrões de beleza e novos valores morais que se chocam com os antigos papéis de gênero, provocando mudanças nas relações entre homens e mulheres envolvidos amorosa e sexualmente.

Os casos de violência de gênero e crimes passionais pesquisados e expostos neste trabalho aconteceram, em sua maioria, entre as camadas mais pobres da população maranhense. Como já mencionado antes, isso não significa que entre as elites o mesmo não acontecesse. Percebo, no entanto, que em alguns momentos, os valores morais dos sujeitos pertencentes às camadas mais pobres divergiam do proposto pelos discursos normativos da época. Considerando que nem todos os indivíduos, por sua vez, conseguiam cumprir com as funções que lhes foram socialmente determinadas, sentiam-se impotentes, podendo assim expressar-se a partir de atitudes violentas em suas relações afetivas. Dessa forma, vejo que a violência de gênero e o crime passional podem perpassar por essa questão.

O amor, enquanto força social como coloca Giddens (1992), também é um fator importante para entendermos as tensões presentes nos envolvimento amorosos. Visto ora como sentimento inalcançável, ora como elemento essencial para as relações, o amor tem sido colocado como algo universal e atemporal. A passagem para modernidade desconstrói alguns dos ideais do amor romântico, embora este continue sendo considerado um objetivo a ser alcançado. Nesse sentido, alguns homens e mulheres envolvidos amorosa e sexualmente podem ter diferentes expectativas e desejos sobre seu companheiro. A não realização destes desejos também pode desencadear conflitos dentro da relação.

Acredito, porém, que os indivíduos objetos de estudo deste trabalho não estiverem unicamente à mercê das construções de gênero e do amor. Defini-los como vítimas ou como culpados é resumir suas histórias pessoais e suas próprias convicções. Esses sujeitos cometeram erros, todavia, mesmo que as punições jurídicas não tenham chegado, certamente, os dramas que viveram contribuíram para modificá-los.

Referências

Acervo de Instituições

- Biblioteca Pública Benedito Leite (São Luís)

Periódicos

- PACOTILHA/O GLOBO. São Luís, (1949-1958).

Bibliografia

FREIRE, Jurandir. **Sem fraude nem favor:** estudos sobre o amor romântico. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

GALVES, Marcelo Cheche. "Pequena imprensa" e poder político: pensando os jornais locais como objetos e fontes de pesquisa. **Revista Outros Tempos**, São Luís, v.1, n.01, p.66-73, 2004. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/volume01/vol01art05.pdf>

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1992.

GREGORI, Maria Filomena. **Cenas e Queixas:** um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha:** um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NASCIMENTO, Sandra Maria. **Mulher e Folia:** a participação das mulheres nos bailes de máscaras do carnaval de São Luís nos anos de 1950 a 1960. São Luís: Secma, 1998.

OLIVEIRA, Kátia Lenz César de. **Quem tiver a garganta maior vai engolir o outro:** sobre violências conjugais contemporâneas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PRIORE, Mary del. **História do amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2005

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Sociedade**. Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez, 1990.